

Acontecimento jornalístico, comunicação intercultural e compreensão do outro: uma entrevista com Miquel Rodrigo Alsina

*Journalistic event, intercultural communication and comprehensive
moviments: an interview with Miquel Rodrigo Alsina*

*Acontecimiento periodístico, comunicación intercultural y comprensión
del otro: una entrevista con Miquel Rodrigo Alsina*

Xavier Giró Martí¹
Tayane Aidar Abib²

Resumo: Jornalista e professor na Universitat Pompeu Fabra (UPF), Miquel Rodrigo Alsina tem uma trajetória de investigação que, sob uma perspectiva construcionista, articula Teorias da Comunicação e Interculturalidade. Desde 1986 publica estudos que, circundado este grande eixo temático, trabalham a construção da notícia em seus constrangimentos organizacionais, políticos e econômicos, problematizando as esferas de produção e consumo sob o âmbito de seu profissionalismo, e abordam questões referente à linguagem, meios de comunicação e construção de identidade. Nesta entrevista, realizada no Departamento de Comunicação da UPF, em 11 de dezembro de 2019, Miquel Rodrigo Alsina reflete sobre as noções de acontecimento e desacontecimento jornalísticos frente à emergência das redes sociais digitais, e sobre movimentos compreensivos e empáticos ao Outro sentido a práticas comunicativas interculturais.

Palavras-chave: comunicação intercultural; acontecimento jornalístico; compreensão intersubjetiva; noticiabilidade.

Abstract: Journalist and professor at Universitat Pompeu Fabra (UPF), Miquel Rodrigo Alsina has a research trajectory that, from a constructionist perspective, articulates Theories of Communication and Interculturality. Since 1986, he has published studies that, surrounded by this great thematic axis, work on the construction of news in its organizational, political and economic constraints, problematizing the spheres of production and consumption under the scope of its professionalism, and addressing issues related to language, media and identity construction. In this interview, held at the Communication Department of the UPF, on December 11, 2019, Miquel Rodrigo Alsina reflects on the notions of journalistic event and its reconfiguration in the face of the

¹ Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha. E-mail: xavier.marti@uab.cat.

² Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil. E-mail: tayaneaabib@gmail.com.

emergence of digital social networks, and on empathetic movements seeking intercultural communicative practices.

Keywords: intercultural communication; journalism; intersubjective comprehension; newsmaking.

Resumen: Periodista y profesor de la Universitat Pompeu Fabra (UPF), Miquel Rodrigo Alsina tiene una trayectoria de investigación que, bajo una perspectiva constructorista, articula Teorías de la Comunicación y la Interculturalidad. Desde 1986, ha publicado estudios que, implicados en este gran eje temático, tratan de la construcción de noticias en sus limitaciones organizacionales, políticas y económicas, de modo a problematizar las esferas de producción y consumo en el ámbito de su profesionalismo, y abordan cuestiones relacionadas con el lenguaje, los medios de comunicación, y la construcción de identidad. En esta entrevista, realizada en el Departamento de Comunicación de la UPF, el 11 de diciembre de 2019, Miquel Rodrigo Alsina reflexiona sobre las nociones de acontecimiento periodístico y su reconfiguración ante el surgimiento de las redes sociales digitales, y sobre la comprensión y los movimientos empáticos hacia el Otro sentido a las prácticas comunicativas. Interculturales.

Palabras clave: comunicación intercultural; acontecimiento periodístico; comprensión intersubjetiva; noticiabilidad.

O que é importante sabermos sobre sua trajetória reflexiva?

Minha tese de doutorado tratou sobre o grande tema Comunicação e Terrorismo, em 1986, a partir da análise de quatro jornais da imprensa espanhola. E uma parte importante desse estudo foi dedicada à discussão acerca da construção da notícia, de onde extraí as considerações para compor o livro *La construcción de la noticia*, revisado e ampliado em 2018. De fato, essa reflexão foi o meu ponto de partida, pensar como os meios constroem a realidade, o que fazem com os acontecimentos, como os controlam, como os interpretam, como lhes dão forma. Posso dizer que desde então minha trajetória sempre esteve ligada às pautas que interessam às teorias da comunicação. Em 1999, publiquei um novo livro, *La Comunicación Intercultural*, resultado de uma estância de pesquisa de cinco meses em Misuri, nos Estados Unidos, quando pude me aprofundar nos estudos sobre Comunicação Intercultural. São esses os eixos que despertam meu trabalho investigativo.

Começando, então, por essa primeira etapa de seus estudos, centrada em *La construcción de la noticia*, quais são os elementos que precisamos considerar quando refletimos sobre acontecimento jornalístico? O que é importante ter em conta ao promover a discussão sobre o que é valorado pelos meios de comunicação?

Penso que o fator concorrência é um aspecto fundamental quando discutimos a construção da notícia. A primeira coisa que faz um jornalista ao chegar na redação é se inteirar sobre o que estão cobrindo os outros veículos e comparar as atuações. E isso cria um efeito de eco e de repetição, cujo grande perigo é produzir o que alguns chamam de silêncios midiáticos. Inclusive, há uma iniciativa de *crowdfunding*, na Catalunha, dedicada a tratar justamente dos temas que não são visibilizados pela mídia, ou o são de forma limitada. A partir de então podemos ver como o acontecimento não é aquilo que interessa à audiência, mas é aquilo que os meios consideram que interessa à audiência. E, nesse processo, algumas realidades passam mais apercebidas que outras. A lógica do sistema midiático e a lógica da realidade estão, assim, sempre em tensão. Com os meios digitais a gente observa possibilidades de resistência e de ruptura frente a essas dinâmicas hegemônicas, uma certa margem para abrir brechas nesse sistema e evidenciar realidades por vezes marginalizadas, mas nem sempre esses meios conseguem se impor.

E qual é o papel do fator humano para que essas brechas se abram no sistema midiático tradicional?

Creio que há um grande valor na iniciativa individual de cada profissional, em sua vontade e disposição de resistir às lógicas de tal sistema. As aberturas no modelo informativo dependem, em certo sentido, da consciência dos jornalistas em relação às suas responsabilidades, da compreensão de que suas escolhas são também políticas, e conferem visibilidade e protagonismo, ou não, a determinados atores e temas da sociedade. É claro que nós também não podemos desconsiderar o peso dos constrangimentos organizacionais. Quanto mais precárias estão as condições de trabalho, mais dificuldade terá o jornalista de se valer das brechas e mais limitada será a sua capacidade de, digamos, improvisar. No fundo, temos várias camadas em disputa, mas obviamente o ponto de partida é a atitude de conformação ou de autonomia do profissional.

Podemos dizer que houve uma reconfiguração do acontecimento jornalístico com a emergência dos meios digitais alternativos?

Essa é uma boa reflexão. De fato, a emergência das redes sociais provocou uma incidência brutal nos meios de comunicação. É interessante observar como, muitas vezes, a notícia trata do que está circulando nessas esferas digitais, como se o acontecimento se convertesse nas respostas e mensagens que circulam nesses espaços, no que dizem, por exemplo, os políticos pelas redes sociais. Donald Trump foi, neste sentido, um paradigma de utilização dessas ferramentas para criar acontecimentos. Não é difícil encontrar notícias que tratam do que ele *twittou* em determinado momento. Chegamos a um cenário no qual os meios já não tem como ignorar isso, porque um *tweet* de Donald Trump chega a milhões de pessoas, e se um jornal não veicula suas falas, tem a sensação de que está deslocado. O risco, no entanto, a que temos assistido, é a de uma atuação midiática de eco, de propaganda a esses políticos. Falta investigação, falta um trato mais complexo na apuração.

Mas, voltando à pergunta, penso que com as redes sociais a gente vê mais claramente as disputas entre o sistema social, político, e o sistema midiático. Temos e sempre teremos tentativas de controle dos acontecimentos por parte da classe política, que agora passa a se apropriar desses canais digitais para criar a sua própria agenda e, inclusive, disseminar *fake news*. Mas também observamos como muitos grupos sociais estão conseguindo levar suas demandas e reivindicações às fontes midiáticas. É uma relação dialética que vai se configurando conforme o próprio avançar social em suas complexidades.

Por isso seus trabalhos investigativos se alinham a uma perspectiva construcionista, para destacar que os processos jornalísticos se imbricam a movimentos de tensão e resistência.

Claro. De fato, qualquer relato é resultado de uma construção. Isto é, temos os *inputs*, desenvolvemos interpretações, damos sentido aos fatos, fazemos escolhas. Desde uma perspectiva construcionista, portanto, que está implícita no meu livro, os seres humanos são assumidos como construtores da realidade. Nessa interação há resignificação, mudança de sentido. E compreender essa dimensão não é desmerecer a notícia ou o

trabalho jornalístico, mas, ao contrário, valorar seu exercício reflexivo, sua forma de pensar.

Considerando essa discussão, pensa que é possível falarmos em desacomodamento jornalístico? Aqui me refiro aos temas não costumam despertar o interesse noticioso dos meios, aos temas silenciados, dos quais comentava anteriormente.

Creio que esse é um campo a ser explorado, e que pode dar conta de refletir sobre abordagens jornalísticas distintas. O problema é que a lógica do acontecimento é a lógica do sistema produtivo, de onde saem os salários e o faturamento para manter os trabalhos... A outra opção é a que as novas tecnologias buscam facilitar, pela criação de projetos e de cooperativas por jornalistas que querem empreender possibilidades alternativas com recursos limitados. Não podemos deixar de considerar também a audiência, que tem por hábito consumir a informação desde os grandes meios. O processo de leitura de conteúdos e de apoio à produção de veículos distintos é algo que ainda teremos que fortalecer.

Agora tratando do segundo eixo da sua trajetória investigativa, qual é a contribuição da Comunicação, e também do jornalismo, para se pensar Interculturalidade?

Existe um debate muito interessante que problematiza a necessidade de se falar em comunicação ou em jornalismo intercultural, quando, na realidade, a interculturalidade deveria atravessar todas as práticas, estar presente em qualquer tipo de notícia. Não deveria ser necessário falar em jornalismo intercultural, como não deveria ser necessário falar em jornalismo feminista, ou de gênero, já que essas perspectivas deveriam estar desde a noticiabilidade dos esportes até a da política. Mas ainda vivemos sob relatos que se estruturam na lógica “nós e eles”, na construção do Outro como diferente, como inimigo. E por isso precisamos enfatizar a interculturalidade como reflexão que fomenta uma sensibilidade às outras culturas, não apenas para entendê-las, mas para tentar assumir os seus pontos de vista. Enfatizar a interculturalidade para também reconhecer a nossa própria. Porque nossa história se conjuga de múltiplas fontes, nossa cultura é essa complexidade que foi acolhendo e metabolizando um jeito de ser a partir do contato com o Outro. Mas, muitas vezes, somos cegos de nossa própria interculturalidade. Se nos dessemos conta disso, talvez não teríamos medo do desconhecido que, muitas vezes, julgamos como inferior ou invisível.

Quais competências precisamos desenvolver sentido a práticas comunicativas interculturais?

A interculturalidade é a nossa origem e o nosso futuro. E quando incorporada em nossas práticas comunicativas nos mostra a necessidade de uma humildade no contato com a realidade. De uma consciência de nossa ignorância, porque, se sabemos muito pouco de nós mesmo, quem dirá do que está além de nós. É importante assumir a postura ética trabalhada pela antropologia, de se atentar às explicações que um grupo cultural faz sobre si mesmo, e não tentar explica-lo desde o ponto de vista do observador. A perspectiva ética ensina que nosso papel deve ser o de escutar os grupos culturais e reunir os relatos que fazem de suas realidades. Acercar-se ao máximo enquanto tradutores da sociedade, isto é, enquanto mediadores entre a construção da realidade por um grupo cultural e a própria cultura, que é a sua destinatária.

Estamos também tratando de dinâmicas contracorrentes.

Claramente. A interculturalidade é também necessidade de ruptura com modelos que se enraizaram em nossas práticas, que muitas vezes bebem dos próprios estereótipos que circulam na sociedade, para uma conexão mais rápida, porém superficial e enganosa, com o público. É importante uma postura responsável de escuta, de complexidade no olhar a outras pessoas e grupos culturais, a mesma complexidade que reivindicamos para nós mesmos. Resistir, neste sentido, às rotinas e às técnicas que nos conformam um fazer reducionista.

Qual o valor da compreensão para práticas interculturais?

Para mim, é muito simples. Ou nos compreendemos, ou a outra opção é o império. O império se impõe, anula as outras culturas, atua para uma hegemonia que leva, ao longo das gerações, ao desaparecimento de outras formas de ser. Sempre falamos da biodiversidade e de sua importância para a manutenção da vida, e a diversidade cultural também é um bem, implica reconhecermos que somos diversos, que não há hierarquia,

mas respeito. Respeito por seu espaço. Buscar compreender o Outro é fundamental e, ademais, é muito útil, porque compreender o Outro me ajudar a me compreender.

Costuma-se dizer que, para ver um bosque, é preciso sair do bosque, ou somente verá árvores. É a mirada do Outro que te ajuda a compreender como é vista a sua cultura, a perceber que existem muitas interpretações sobre a sua própria realidade, e que o seu pensamento pode estar ligado a marcos mentais dominantes, mas se você sai desses marcos hegemônicos, enxergará perspectivas distintas. Esse é um trabalho que, pouco a pouco, temos que fazer. Enxergar e repensar também a nossa própria cultura desde as visões distintas de outras culturas.

É uma mirada que nos leva a um reconhecimento, de fato.

Sim, a mirada intercultural nos leva a conhecer o Outro e a nós mesmos. Re-conhecer, voltamos a nos conhecer com uma mirada distinta. Montesquieu faz isso em um livro que se chama *Lettres persanes, Letras Persas*, onde ele empreende uma crítica à sociedade de sua época desde a perspectiva de uma persa. Nessa mesma época, José Cadalso, um filósofo espanhol, escreve *Cartas Marruecas*, que trabalha essa abordagem desde um marroquino que chega à Espanha. A mirada do Outro te permite esse distanciamento, sair do bosque e observar características que, caso contrário, não seriam percebidas. É uma estratégia interessante: separar-se um pouco do que você entende por sua cultura, para pensá-la.

A globalização torna a diversidade mais visível, mas permanece o questionamento se, de fato, estamos avançando sentido à interculturalidade, no qual pesa o valor da relação.

A relação com o Outro custa. Inclusive porque nosso cérebro está organizado de forma a conceber outros grupos desde certos traços definidores, por nossos contextos culturais, e enquanto não aprendermos a mirar de um modo distinto, não teremos condições de avançar sentido a uma relação. Quer dizer, temos que lidar também cognitivamente com uma barreira, que é a de tentar assimilar outros grupos em função de marcos definidores, que só fazem a levar nosso olhar a um reducionismo.

Minha esperança é pensar que, tal qual nosso passado, nosso futuro também será intercultural. Claro que não será um processo fácil, porque nele também se articulam relações de poder. E há impérios marcando seus princípios. Não resta dúvidas de que precisamos educar, cada vez mais, para a diversidade, e pensar em modos de gestioná-la. Este, creio, é o caminho do futuro.